



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA)
Bacharelado em Administração Pública



RONALDO LANDIM DE SOUZA

**EM BUSCA DE UMA CARACTERIZAÇÃO DO GOVERNO BOLSONARO:
ANÁLISE DOS CONCEITOS DE FASCISMO E NEOFASCISMO**

VARGINHA-MG

2024

RONALDO LANDIM DE SOUZA

**EM BUSCA DE UMA CARACTERIZAÇÃO DO GOVERNO BOLSONARO:
ANÁLISE DOS CONCEITOS DE FASCISMO E NEOFASCISMO**

Trabalho de conclusão de PIEPEX apresentado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Tavares de Jesus Dias.

VARGINHA-MG

2024

RONALDO LANDIM DE SOUZA

**EM BUSCA DE UMA CARACTERIZAÇÃO DO GOVERNO BOLSONARO:
ANÁLISE DOS CONCEITOS DE FASCISMO E NEOFASCISMO**

A Banca examinadora abaixo-assinada aprova o trabalho de conclusão do PIEPEX como parte dos requisitos para obtenção do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia da Universidade Federal de Alfenas. Área de atuação: Microempreendedor Individual.

Aprovado em: 14/06/2024

Prof. Dra. Vanessa Tavares de Jesus Dias. Assinatura: _____
Instituição: Universidade Federal de Alfenas Campus Varginha

Prof. Dra. Cilene Margarete Pereira Assinatura: _____
Instituição: Universidade Federal de Alfenas Campus Varginha

Prof. Dra. Santiane Arias Ribeiro. Assinatura: _____
Instituição: Universidade Federal de Alfenas Campus Varginha

Resumo

O trabalho busca investigar semelhanças e diferenças entre o fascismo histórico italiano do século XX e o governo Bolsonaro no Brasil do século XXI. Para isso, buscamos, em primeiro lugar, uma definição para o fascismo e uma variante conceitual chamada neofascismo. Em segundo, apresentamos alguns elementos específicos do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro e o fenômeno do bolsonarismo, que serviu para uma comparação. Tivemos um interesse inicial de entender por que há adesão popular a governos autoritários. Por conta disso, a adesão das massas ao fascismo foi um dos aspectos perseguidos durante a pesquisa. O procedimento metodológico e os resultados permitiram responder à seguinte questão: o termo fascismo é adequado para definir o governo Bolsonaro? A metodologia partiu de uma revisão bibliográfica para a definição de fascismo, para buscar uma lógica para o seu uso. A hipótese é que a experiência política e social do governo Bolsonaro tem elementos comuns, mas também específicos relativos ao contexto histórico atual.

Palavras-chave: fascismo; neofascismo; governo Bolsonaro; Brasil.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 6 |
| 2. O QUE É O FASCISMO E POR QUE HOVE ADESÃO POPULAR AO FASCISMO ?... 7 | |
| 2.1 DEFINIÇÃO DE FASCISMO | 7 |
| 2.2 POR QUE AS PESSOAS ADERIRAM AO FASCISMO HISTÓRICO, SEGUNDO REICH (2001 [1933])..... | 13 |
| 2.3 DEFINIÇÃO DE NEOFASCISMO..... | 15 |
| 3. O QUE É O BOLSONARISMO, E PORQUE DE SUA ADESÃO POPULAR?..... | 17 |
| 4. O GOVERNO BOLSONARO PODE SER CONSIDERADO FASCISTA, NEOFASCISTA, OU NENHUM DOS DOIS?..... | 21 |
| 5. CONCLUSÃO..... | 23 |
| 6. REFERÊNCIAS..... | 24 |

1 - INTRODUÇÃO

O trabalho aqui realizado tem como tema uma discussão sobre a definição de fascismo. O que move o interesse por esse tema é a relação entre o fascismo e a atualidade, em particular o governo brasileiro de Jair Bolsonaro, e os motivos que levam os indivíduos, ou parte considerável de uma sociedade, a aderirem a esse governo, entendendo aqui o fascismo como uma forma particular de extremismo. O tema fascismo foi abordado na disciplina Política, Ideologia e Hegemonia, ministrada pela profa. Vanessa Dias no primeiro semestre de 2022 na UNIFAL-MG. Entre os textos discutidos, estava o do cientista político Armando Boito (2020), que tecia considerações sobre o conceito de fascismo e se ele poderia ser aplicado ao governo da época. Ou seja, se o conceito poderia ser utilizado fora do contexto do fascismo histórico, ou se haveria outra forma de classificá-lo. Esse texto serviu como ponto de partida para investigar o tema e buscar novas variáveis para entender o governo Bolsonaro.

Assim, o objetivo deste trabalho é compreender o governo Bolsonaro, de forma a identificá-lo ou não com o fascismo. Para isso, colocamos como variável central alguns dos elementos que se repetem no fascismo histórico e no neofascismo, sendo, portanto, essa comparação algo a ser considerada nesta análise. Para tanto, construímos a seguinte questão: o governo Bolsonaro pode ser considerado fascista? Para responder essa pergunta, nos orientamos pela hipótese de que o governo Bolsonaro pode ser considerado neofascista, ou seja, mantém características do fascismo histórico, mas apresenta algumas variáveis divergentes, e isso poderia ser observado através da adesão das massas aos governos autoritários: motivações diferentes para adesão, contextos específicos (pós-guerra no passado e crise do capitalismo no presente), características sociais de países do norte e do sul global.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica de trabalhos pesquisados no Google acadêmico, pesquisas em dicionários de política e história, além dos próprios textos discutidos na disciplina citada acima

Quanto aos princípios teórico-metodológicos, vamos utilizar o conceito de fascismo e neofascismo para desvendar a questão da pesquisa. Para isso, vamos utilizar debates sobre diferentes pontos de vista para encontrar caminhos para a resposta. Sendo assim, o trabalho apresenta na segunda seção uma breve conceitualização e definição de fascismo do século XX. A segunda seção terá como

objeto a definição de neofascismo. Em seguida, na terceira seção, analisaremos o que é governo Bolsonaro e se ele pode ser considerado uma forma de fascismo. Na quarta seção, usaremos as definições de fascismo e neofascismo para analisar o governo Bolsonaro. Por fim, faremos algumas considerações finais.

2. O QUE É O FASCISMO, E POR QUE HOVE ADESÃO POPULAR AO FASCISMO?

2.1 DEFINIÇÃO DE FASCISMO

O fascismo foi um sistema político nacionalista que teve seu surgimento no início do século XX. Assim, vários movimentos fascistas foram realizados no decorrer da história, como na Alemanha, Espanha, entre outros, mas o regime fascista mais famoso foi o italiano de Benito Mussolini que surgiu na Itália em 1919, após o fim da 1ª Guerra Mundial.

Caldeira (2020) afirma que o fascismo se desenvolveu a partir de crises do capitalismo e algum nível de ruptura entre as classes dominantes e suas representações tradicionais. O que se pode constatar das experiências fascistas desde o período entreguerras é que só em condições de crise profunda tais movimentos conseguiram chegar ao poder. Esse autor, como Boito (2020), observam que o processo de aprofundamento do autoritarismo não nasce de uma crise econômica apartada de uma crise política. Ao contrário, a crise política é mais central para explicar o surgimento do fascismo.

Melo (2020) fala que a Itália do início dos anos 1920 vivia o impasse provocado pela frustração das massas com os resultados da participação do país na Guerra Mundial, quando a deflagração do conflito empurrou as massas para o *front*, mas não devolveu para elas uma recompensa por essa participação. Outro elemento desse problema foi o temor das classes dominantes de que o poderoso “movimento dos trabalhadores italianos e seu Partido Socialista pudessem promover uma revolução social nos moldes daquela ocorrida na Rússia em 1917” (MELO, p. 19). O crescimento eleitoral dos socialistas no pleito de 1919, a onda de ocupação de fábricas no norte do país de 1919 a 1920, além da intensificação das lutas dos trabalhadores rurais do sul, ligaram o sinal de alerta nas classes dominantes.

Melo (2020, p. 21) também ressalta que na Alemanha, do início dos anos 1930,

a democracia da República de Weimar entrou em colapso muito antes do nazismo alcançar o poder. A devastação econômica e social provocada pelo impacto da crise de 1929 na Alemanha gerou um colapso da estrutura política, o que fortaleceu na consciência das classes dominantes a opinião de que a solução para a crise deveria ser procurada fora dos quadros republicanos. Assim, a partir dessas informações, podemos constatar que o fascismo surge de crises do capitalismo e de novas estratégias da classe dominante dentro de um cenário de crise econômica e social.

Quando se trata do termo fascismo não se tem uma definição exclusiva adotada ao termo. De acordo com Dicio dicionário de língua portuguesa (DICIO, 2023)¹, fascismo é um regime autoritário criado na Itália. Trata-se de um movimento político totalitário caracterizado pela concentração total do poder na mão de um único governante, sendo também antidemocrático, militarista e ditatorial, cuja atuação vai de encontro com as liberdades individuais em defesa da nação.

Já no dicionário de história DICIO, dicionário online de história (2023)², consta que no período compreendido entre as décadas de 1920 e 1940, desenvolveu-se o fascismo em alguns países da Europa, sendo considerado fascismo um sistema político, econômico e social que se consolidou após a Primeira Guerra Mundial, estando mais presente nos países que passavam por crise econômica (especialmente, Itália e Alemanha). Na Itália, o fascismo foi representado pelo líder italiano Benito Mussolini. Na Alemanha, Adolf Hitler foi o símbolo do fascismo, que neste país ganhou o nome de nazismo.

Bobbio, Matteucci e Pasquino (2004) afirmam que o fascismo é um sistema autoritário formado por um partido único, pela exaltação da coletividade nacional, fazendo oposição ao socialismo e ao comunismo. Outro aspecto que caracteriza este sistema é o objetivo de expansão imperialista e de aniquilação da oposição mediante o terror e a violência. Para isso, governos dessa natureza realizam o controle das informações através das propagandas.

Para Reich (2001 [1933]), o fascismo é a expressão da estrutura irracional do caráter do homem médio, cujas necessidades biológicas primárias e impulsos têm sido reprimidos há milênios. Isso se deve à privação sexual causada pela família conservadora e, principalmente, por instituições religiosas, que provocam a castração

¹.<https://www.dicio.com.br>, acessado dia 17/10/23.

².<https://www.dicio.com.br>, acessado dia 19/10/23.

do indivíduo o deixando dócil à qualquer tipo rebelião e aceitando o sistema fascista da época.

Na visão de Sznajder (2010), o fascismo é uma ideologia pautada na intolerância e sua perpetuação no poder se dá em casos de resultados de fracassos militares, mas nunca por oposições internas. Desse modo, podemos observar que o regime intolerante fascista tende a colocar a culpa de seus fracassos políticos e econômicos em uma minoria, como foi o caso do fascismo italiano e, também, do nazismo alemão.

Segundo Boito (2020), outro ponto relevante é que o fascismo é um movimento que tem a capacidade de mobilizar as massas quando elas legitimam a intolerância e a perseguição a grupos e ideias das minorias. Como, por exemplo, a Alemanha nazista, na Segunda Guerra Mundial, que, apesar de todos os temores e malefícios da guerra, continuava com seus projetos de extermínio. Sendo assim, esses governos fascistas alcançam o poder, na maioria das vezes, em contextos marcados por problemas econômicos e políticos como: crises econômicas, perda da identidade coletiva, incerteza social em relação ao futuro e “ameaças” comunistas. Outro ponto relevante, segundo Sznajder (2010), são os líderes desses movimentos que se aproveitam das crises causadas pela modernidade capitalista para fazer uso de seu carisma e capacidade de manipulação, para implantar seu projeto de poder baseado na intolerância.

De acordo com Griffin (2013), a intolerância e o fascismo constituem uma política ideológica, cujo centro se baseia em manipulações com forte teor autoritário baseada em um populismo ultranacionalista. De acordo com Napolitano (1964), populismo se relaciona com a presença de um líder carismático, aquele que cria uma relação de proximidade com a população sem passar por nenhuma instituição política, mas unicamente por seu carisma. Dessa forma, o autor também aborda algumas características fascistas como: o extremo nacionalismo, onde a sociedade é influenciada e acredita fielmente em sua superioridade política, econômica, física e intelectual. Assim, outras pessoas e nações são consideradas inferiores, não civilizadas, próximas à barbárie.

Griffin (2013) observa que o fascismo é uma ideologia política com base cultural e filosófica adotada por movimentos sociais, cujas circunstâncias históricas permitem que a ideologia seja implementada com o caráter nacionalista de guerrilha e violência. Ao mesmo tempo, para o mesmo autor, o fascismo é um regime político

e filosófico semelhante ao imposto por Benito Mussolini na Itália em 1922, que se baseia no despotismo, na violência, na censura, para assim suprimir a oposição, caracterizado por um governo antidemocrático e ditatorial.

Outro ponto relevante para a Griffin (2013) é o caráter populista do fascismo, que através de uma linguagem de autoridade, soberania nacional e união, faz com que as massas, devastadas por períodos pós-guerra, sejam alvo de manipulação em nível nacional. Ademais, nesse sentido, cabe observar a natureza radical do fascismo. Isto é, apesar de governos fascistas preservarem as instituições conservadoras - como igrejas, forças armadas, entre outras -, tendem a destruir as instituições democráticas republicanas.

Assim, não se fala em caráter revolucionário por parte de alguns analistas, pois as revoluções, em sua grande maioria, têm natureza utópica, já no fascismo por ter um caráter violento, se torna menos evidente esta vertente revolucionária. Por outro lado, há algumas contradições no termo utilizado por Griffin (2013): “populismo ultranacionalista”. Pois, no que se refere ao populismo, se assemelha mais a uma visão de uma carência e inclusão social, que é totalmente contraditória ao fascismo e ao nazismo. Desse modo, o fascismo e o nazismo têm sempre como parâmetro um inimigo em comum que deve ser combatido e eliminado, como por exemplo os judeus na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

Desse modo, o populismo, como definido por Napolitano (1964), não tem características nacionalistas como elemento central. Isso significa que o termo “populismo ultranacionalista” de Griffin, citado acima, estabelece uma contradição com esta análise de Napolitano. Isto porque o populismo pode ser nacionalista, mas há vários outros elementos que o levam à configuração de um populismo baseado em ideias difusas e não filosóficas. O que não se aproxima mais do fascismo do que do populismo.

Outrossim, o populismo possui também como característica a inclusão social, já no fascismo é o contrário. Excluem-se as classes, grupos e etnias que são consideradas como inimigos da nação. A exclusão é pautada em pessoas que não aderirem totalmente ao ultranacionalismo, elites intelectuais e oposições governamentais. Segundo Sznajder (2010), quando perguntaram a Mussolini em 1920 sobre a questão judaica, ele afirmou que concordaria em incluir os judeus no movimento fascista se os mesmos fossem italianos judeus e não judeus italianos. Assim, conceitualizar o fascismo como populista, segundo Griffin (2013), é um erro.

Fica claro que o fascismo se difere do populismo, pois no fascismo temos um ultranacionalismo, voltado para guerrilha, onde deve haver um inimigo em comum, sem qualquer ligação com inclusão social.

Sznajder (2010) afirma que a ideologia fascista é a soma de um socialismo nacional com um anti-marxismo, que tenta solucionar os problemas através da imposição de um estado forte e nacionalista mobilizado por uma base popular. Em adição a isso, a ideologia fascista não é necessariamente de origem racional pois o fascismo não reconhece os direitos fundamentais democráticos tais como: a vida, a integridade física, o direito de ir e vir e o direito de opinião. Mas, sim, uma visão onde os direitos individuais estão subordinados à nação, à raça e ao sacrifício individual. Assim, aqueles que não aderirem a esses ideais estarão sujeitos à intolerância fascista tratados como inimigos da nação e sofrendo perseguições, agressão, exclusão e morte. Na visão ideológica fascista, a vida humana é condicionada a uma luta contínua e guerra pela sobrevivência, onde o fascismo se sobressai sobre o inimigo. Assim este tipo de visão não consegue espaço para que se tenha outros tipos de pensamento, que serão classificados como ataques ao patriotismo e à nação.

Desse modo, o fascismo e a intolerância são sinônimos e faces distintas de uma mesma moeda, que quando combinadas dão origem ao totalitarismo, caracterizado pela concentração total do poder na mão de um único governante, antidemocrático, baseado em um controle interno realizado pela força do Estado (militares, policiais etc.) e por forças paramilitares (como as milícias), além da presença de uma liderança autoritária que atua contra as liberdades individuais em nome, supostamente, do bem da nação, como aquela experiência ocorrida na Itália em 1920.

Por fim Sznajder (2010), diz que na Itália o partido fascista através da intolerância exercida por seus grupos paramilitares foram responsáveis por violentar e atacar políticos opositores e todo tipo de pensamento que se contrapôs ao inserido grupo do poder. Outro ponto, segundo Sznajder (2010), é o totalitarismo que tem por objetivo colocar uma verdade absoluta ao desrespeitar o pensamento crítico e a razão bem como a capacidade de raciocinar. Um de seus principais fundamentos é eliminar todo e qualquer tipo de manifestação ou discussão de ideias que vão na contramão do seu plano político.

Na tabela abaixo, buscamos sintetizar algumas características do fascismo elencadas pelos autores apresentados acima.

TABELA 1

| Autor | Aspectos do fascismo histórico |
|-----------------------|--|
| Caldeira (2020) | O fascismo surge nas crises do capitalismo |
| Bobbio et. al. (2004) | O fascismo é um sistema autoritário, que funciona a partir de um partido único, que se caracteriza pela exaltação da coletividade nacional e traz uma oposição radical ao socialismo e ao comunismo. |
| Boito (2020) | O fascismo é um sistema político que tem como características a mobilização das massas, a perseguição às instituições democráticas, às instituições científicas e às minorias. |
| Griffin (2013) | O fascismo é um sistema econômico centralizado, com ambições expansionistas e baseado na crença de superioridade de raças |
| Reich (2001 [1933]) | O fascismo progride diante de uma sociedade formada culturalmente por privação sexual, vinculada à estrutura familiar conservadora e por instituições religiosas, o que torna o sujeito obediente a lideranças autoritárias. |
| Sznajder (2010) | Trata-se de uma ideologia pautada na intolerância, que é resultado de fracassos militares. |

Elaboração própria

2.2 POR QUE AS PESSOAS ADERIRAM AO FASCISMO HISTÓRICO, SEGUNDO REICH (2001 [1933])

Um dos aspectos que ronda a definição de fascismo é a adesão das massas a movimentos autoritários. Nesse sentido, em relação ao fascismo e ideologias autoritárias é possível elaborar a seguinte pergunta: o que leva o indivíduo ou parte

considerável das sociedades a aderirem a esse tipo de ideologia? Reich (2001 [1933]) ressalta que o questionamento correto seria por que as massas aderiram ao nazifascismo e não ao movimento socialista, por este reunir os interesses mais próximos aos interesses dos trabalhadores do que aqueles difundidos pelo fascismo, diametralmente opostos àqueles? O mais importante para Reich (2001 [1933]) seria a resposta para esta questão. Assim, deve-se observar a situação econômica e ideológica das massas que não coincidem e não se relacionam necessariamente com a consciência política. Segundo Reich (2001 [1933]), deve-se fazer uma separação entre ideologia de massas e situação econômica, como exemplo disso as greves dos trabalhadores e o furto realizado por uma pessoa que está passando fome, tem ligação direta à situação econômica e não à consciência social.

De acordo com Reich (2001 [1933]), a explicação para a economia social é pautada na racionalidade do fato social, e se refere diretamente à situação econômica. No entanto, não seria sustentável pois muitas vezes a situação econômica é incompatível com a ação do indivíduo. Assim a psicologia das massas se torna relevante após o fracasso da explicação social e econômica. Onde a economia não compreende e explica a inibição da consciência social de trabalhadores em situação econômica remota.

Para Reich (2001 [1933]), o trabalhador se equilibra numa contradição entre ser um revolucionário e ser um conservador, onde sua estrutura psíquica é pautada no social revolucionário e a estrutura atmosférica é pautada na sociedade autoritária conservadora. Desse modo a psicologia das massas tem relação direta com a ideologia dominante e não diretamente relacionada à situação econômica do indivíduo. Portanto, a situação está relacionada à clivagem entre a situação econômica e a ideológica. Assim, mesmo que o trabalhador esteja em extrema miséria ele não desenvolve consciência social e vai em caráter diametralmente oposto à sua condição. Reich define a clivagem como uma relação entre a situação econômica e ideológica do trabalhador, que adere às condições de grupos dominantes de situações opostas às dos trabalhadores.

Assim, Reich (2001 [1933]) ressalta que esta clivagem entre a relação econômica e a ideológica das massas se expressa não só na situação econômica, mas também na estrutura do indivíduo médio e sua sexualidade reprimida. Desse modo, faz uma relação direta entre instituições de educação básica da sociedade e a sexualidade, que tem origem na família autoritária que inibe a sexualidade natural no

início da vida e a igreja que dá continuidade a essa função na vida adulta. Sendo assim, a educação autoritária é a base para a psicologia das massas e para aceitação de regimes ditatoriais ao longo da história.

Em relação à educação autoritária, Reich (2001 [1933]) aborda que com esta restrição torna a criança tímida, medrosa, insegura, submissa, dócil e obediente. O que leva a uma paralisia das forças de rebelião, pois o principal estímulo à vida neste caso é o medo. O autor relaciona fascismo com o sexo, que por ser assunto proibido leva o indivíduo à paralização e ao medo. A inibição sexual faz com que o indivíduo crie tendências a aceitar ordens autoritárias; a repressão sexual faz com que o indivíduo recorra à satisfação substituta como a agressão natural. Dessa forma, fica claro que a repressão sexual é um mecanismo para controlar as massas, e estabelecer tendências autoritárias e ditatoriais.

Outro ponto relevante trazido por Reich (2001 [1933]) aponta que a característica dos governos fascistas é a capacidade de controlar as emoções das pessoas, através da inibição sexual no vínculo da criança com a mãe, aspecto que se associa à pátria e à nação. Assim, a mãe ligada a uma família nacionalista autoritária faz com que se crie o sentimento de nacionalismo no adulto. Ademais, em relação a um regime fascista, o ditador se incorpora como a própria nação, e se associa às características do pai na estrutura familiar autoritária como protetor, severo e poderoso na visão infantil, e faz com que as massas sejam controladas, pois elas necessitam de proteção. Assim o ditador conseguirá governar de modo autoritário.

Reich (2001 [1933]) aborda o sentimento de não pertencimento do indivíduo. Quanto mais desamparado surgirá o sentimento de proteção que causa a identificação com os ideais do líder do regime, pautado no déficit nos campos material e sexual, escamoteando a ideia de pertencimento a uma raça superior. Outro ponto relevante, é o desespero e a falta de informação somados a uma propaganda, que podem ser consideradas ferramentas fundamentais para que o fascismo se instale, ganhe estrutura e mantenha-se. O desespero da população assolada por crises modernas capitalistas e a falta de informação, junto a propagandas, fazem com que esses grupos criem um sentimento de pertencimento a uma ideologia.

Nesse sentido, Caldeira (2020) diz que a ideologia fascista, por ter característica descentralizada, permite que o medo e as estruturas militarizadas sejam outro fator que faz com que pessoas se juntem a essa ideologia, mesmo sendo contra a sua vontade. Também é válido ressaltar o termo “massa de manobra” político

social significa que as pessoas ligadas a essa ideologia passam a realizar atos os quais não as favorece, mas sim uma pequena minoria dominante.

Portanto, a partir das citações de Reich (2001 [1933]), nota-se que a adesão ao fascismo tem várias nuances e interesses a serem considerados e como eles são alinhados, assim através da clivagem, privação sexual e a educação autoritária, conseguimos ter um norte para responder o porquê as pessoas aderiram ao fascismo clássico.

2.3 DEFINIÇÃO DE NEOFASCISMO

Ao observar o neofascismo, nota-se que o mesmo tem relações intrínsecas com fascismo clássico. No entanto, outras características são divergentes, e com notáveis vínculos ao neoliberalismo moderno. Neoliberalismo, segundo Bobbio et. al. (2004), significa um conjunto de ideias políticas e econômicas capitalistas implementada nos anos 1970 a 1980, que têm como um dos seus princípios a defesa da não participação do Estado na economia, total liberdade de comércio, para garantir, supostamente, o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país.

De acordo com Lowy (2023), o neofascismo tem pontos em comum com o fascismo clássico como a implantação de um governo antidemocrático, militarista, antiminorias e com o inimigo em comum a ser perseguido. Por outro lado, o mesmo autor coloca que o neofascismo diverge do fascismo histórico e se aproxima do neoliberalismo. As características divergentes é que o neofascismo não inclui expansão territorial, economia centralizada e fechada, ultranacionalismo e exaltação de uma raça superior.

Também Lowy (2023) ressalta que ao contextualizar o neofascismo moderno está diretamente relacionado ao neoliberalismo, com ações e características intrínsecas como as privatizações do setor público, entreguismo e relações internacionais com nações imperialistas. O governo de Jair Bolsonaro no Brasil e de Donald Trump nos Estados Unidos seriam exemplos desse neofascismo próximo ao neoliberalismo. Dardot e Laval (2019) também ressaltam que nos aspectos atuais o neofascismo tem ligação direta com o neoliberalismo através de uma relação simbiótica. A parcela neoliberal pressiona o sistema político democrático ao avanço de sua agenda. Por outro lado, a parte neofascismo aproveita-se de crises

provocadas pelo neoliberalismo para assim se impor ao poder com suas características antidemocráticas.

Poggi (2012) afirma que a diferença do neofascismo ocorre de acordo com a inserção capitalista de cada país. Em países centrais, o neofascismo é um produto notável do capitalismo, já como fenômeno social se desenvolve a partir do neoliberalismo. Por outro lado, em países emergentes está associado à dinâmica de disseminação desses ideais por parte das nações imperialistas, que por sua vez foi o berço do neoliberalismo.

Caldeira (2020), por sua vez, aborda outra perspectiva referente ao neofascismo. Para ele, a expressão já consta desde o momento em que se encerra a Segunda Guerra Mundial, onde o neofascismo é encarado de forma fluida e descentralizada, muitas vezes com divergências de sua representação clássica.

TABELA 2

| Autor | Características em comum com o fascismo histórico | Características divergentes em relação ao fascismo histórico |
|--------------|---|---|
| Lowy (2023) | O fascismo do século XXI tem caráter antidemocrático, militarista, antiminorias e elege um inimigo comum a ser perseguido | No entanto, não consta do projeto contemporâneo expansão territorial, economia centralizada e fechada, ultranacionalismo e eleição de uma raça superior |
| Boito (2020) | No contexto atual, o governo fascista tem a capacidade de mobilizar massas, perseguindo as instituições democráticas, científicas e oprimindo minorias. | O que diferencia os dois momentos históricos é que no hoje há ligação do fascismo com o neoliberalismo, com uma política econômica “entreguista” e subserviência a países imperialistas |

| | | |
|-------------|---|---|
| Poggi(2012) | O fascismo histórico tinha caráter antipartidário e focava na negação da ciência e na perseguição dos cientistas. | Já o neofascismo é um produto notável do capitalismo. |
|-------------|---|---|

Elaboração própria

3. O QUE É O BOLSONARISMO, E PORQUE DE SUA ADESÃO POPULAR?

Para responder à pergunta sobre o que foi o governo Bolsonaro e o movimento bolsonarista, que se formou no contexto da emergência dessa liderança de cunho popular, precisamos entender seu início e como se desenvolveu.

Paxton (2007) acredita que o fascismo, como um fenômeno de massas, precisou encontrar um ambiente favorável para que certas práticas e pensamentos pudessem prosperar. Esses contextos facilitam o surgimento de uma cultura autoritária. Desde Marx, sabemos que o capitalismo é constituído por crises. Os séculos XIX e XX foram marcadas por diferentes crises do capitalismo que originaram diferentes soluções do capital. Caldeira (2020) endossa essa análise, e contextualiza a crise financeira de 2015. Segundo ele, os setores mais atingidos pela retração da renda do capital foram os de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-29,2%), veículos automotores, reboques e carrocerias (-24,6%), produtos têxteis (-13,7%), máquinas e equipamentos (-13,6%), produtos farmacêuticos e farmacêuticos (-13,3%), móveis (-3,2%) produtos de metal (-11,2%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-11,0%) e confecção de artigos do vestuário e acessórios (-10,1%). O encolhimento da acumulação desses setores foi o cenário para a decaída de políticos tradicionais e o avanço de novas alternativas políticas, com o surgimento de lideranças populistas e de viés fascista. Essa etapa histórica foi um momento em que o Estado capitalista estava enfraquecido, dando margem para o capitalismo imperialista e monopolista de grandes potências, e sua ingerência sobre países subdesenvolvidos.

Melo (2020) coloca que, no Brasil do século XXI, viu-se uma crise orgânica nos últimos anos, num processo que envolveu desde a recusa da oposição aos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), ao não reconhecer o resultado da eleição de

2014, até a volta da participação mais pronunciada dos militares. No meio de tal crise, a operação Lava Jato e a deposição do governo Dilma aprofundaram a ruptura das classes dominantes.

Segundo Boito (2020), em meados de 2010 na América Latina tem-se formado novos governos conservadores. Em países como Chile e Argentina, partidos neoliberais e conservadores chegaram ao poder através do voto. Já no Brasil, o mesmo aconteceu, só que através de um golpe. O autor (idem) diz que o bolsonarismo tem seu início com as manifestações realizadas entre os anos de 2015 e 2016, por ocasião do golpe da então presidenta Dilma Rousseff. O golpe mudou a dinâmica do processo político brasileiro, pois colocou à frente do poder forças conservadoras que estavam adormecidas, que eram ligadas à antiga ditadura militar. Esse foi, até então, o último momento histórico no Brasil que o processo democrático havia sido desacreditado, e havia um processo de degradação das instituições. Depois disso, chega-se à eleição de Jair Bolsonaro, em 2018.

Boito (2020) aponta para o fato de que todos os aspectos, supracitados, acarretarão, em 2018, no início do governo de Jair Bolsonaro, eleito por um micro partido com o apoio da classe média. Sobre a base do governo, Bolsonaro, segundo Boito (idem), abrange diversas categorias no campo da direita no Brasil, como por exemplo grupos conservadores, evangélicos, militares, liberais e neofascistas. Ademais, alguns estudos conseguem categorizar o discurso do ex-chefe do Executivo Federal em onze elementos. Entre eles, estão: 1. anticorrupção, 2. anticomunismo, 3. antipetismo, 4. antiesquerda, 5. antifeminismo, 6. antipolítica, 7. antipartidos, 8. antiaborto, 9. anti-homossexualidade, 10. antiprivilégio, 11. antissistema.

Outro ponto do governo Bolsonaro, segundo Melo (2020) foi a teoria da conspiração do “marxismo cultural” difundida no Brasil por um representante da extrema-direita chamado Olavo de Carvalho. Seu círculo é parte central do conteúdo ideológico do chamado bolsonarismo. Esse conspiracionismo do “marxismo cultural”, e a suposta nova estratégia dos marxistas seria supostamente um ataque e uma destruição da família tradicional brasileira. O bolsonarismo também foi pautado em movimentos como o Escola Sem Partido, cujo argumento é o de que professores doutrinadores estariam dominando o sistema escolar, supostamente transformando as salas de aula “em aparelhos de criação de militantes de esquerda”.

Melo (2020) afirma que o movimento Escola Sem Partido é uma das iniciativas que deram forma ao bolsonarismo como alternativa política para as massas

populares, por ter sido capaz de interpelar os valores conservadores predominantes no senso comum das classes subalternas, sendo uma explicação para a natureza da crise brasileira que transcende a velha narrativa de combate à corrupção mais direcionada às classes médias.

Assim Boito (2020) ressalta que, no decorrer da história, o fascismo sempre esteve ligado à classe dominante e a seus interesses. A partir dessa afirmativa, uma pergunta possível a fazer é como o governo Bolsonaro conseguiu incluir em sua base eleitoral grande parte dos cidadãos brasileiros, desde trabalhadores a frações dominantes com interesses distintos e diversos entre si?

Em relação à classe dominante, Bolsonaro utilizou-se de uma política entreguista, pautada em ações neoliberais com foco nas privatizações. Como exemplo, temos a dolarização do petróleo, entre outras atitudes do Executivo Federal. No entanto, o que mais parece enigmático nesta questão é compreender como o governo Bolsonaro conseguiu persuadir classes diversas da sociedade com interesses distintos da classe dominante. Observando que o fascismo é um movimento reacionário com mobilização de massas, Boito (2020) afirma que nas eleições de 2018, Bolsonaro teve a adesão de diversas classes da sociedade como: militares, classe média, elites, igrejas pentecostais e neopentecostais. Parte dessa adesão ocorreu devido ao conservadorismo dos costumes.

Conforme apresentamos anteriormente, Reich (2001 [1933]) dirá que a adesão das massas ao fascismo tem relação com as instituições de educação básica da sociedade e com a sexualidade, que tem como berço a família autoritária, que inibe a sexualidade natural no início da vida; e a igreja, que dá continuidade a essa função na vida adulta. Sendo assim, a educação autoritária é a base para a psicologia das massas e aceitação de regimes ditatoriais ao longo da história. Nessa perspectiva, parece que o governo Bolsonaro aproxima-se do fascismo histórico, por ter se utilizado de discursos moralistas e religiosos para persuadir e assim construir sua base eleitoral.

Estudos mostram que o contexto da consolidação deste governo no Brasil contou com a expansão das redes sociais. Mattos (2020) aponta que o governo Bolsonaro ganhou força devido justamente às redes sociais, copiando o fascismo italiano de Benito Mussolini, através de suas propagandas persuasivas e ilusórias de conquista e poder ultranacionalista, com lemas como “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

Somado a isso, Boito (2020) afirma que nas eleições de 2018, Bolsonaro foi eleito por intermédio de suas forças políticas e diversos influenciadores digitais. O movimento chamado Escola Sem Partido foi o que deu forma e iniciativa ao bolsonarismo como alternativa política e ideológica para as massas, que foi capaz de ampliar de forma notória valores conservadores predominantes no senso comum. Soma-se a isso a predominância da narrativa de suposto combate à corrupção. Nessa concepção, Bolsonaro começa a explorar esses elementos relacionados a pautas conservadoras e morais, para se aproximar de apoiadores evangélicos ao pregar o combate aos direitos de grupos minoritários como os LGBTQIA +.

Portanto, o governo Bolsonaro foi um fenômeno que conseguiu adesão das massas, mas também mobilizou diferentes classes da sociedade brasileira, desde a classe dominante com seus interesses até a classe média pautada pela educação conservadora, até setores da classe trabalhadora. Boito (2020) considera que para atrair a classe dominante, Bolsonaro se utilizou de uma política neoliberal entreguista, favorecendo as privatizações entre outros aspectos; já para atrair a classe dominada, ele se utilizou de lemas como “Deus, pátria família” e “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”, baseados na educação conservadora, numa ideia de família tradicional e na Igreja.

4. O GOVERNO BOLSONARO PODE SER CONSIDERADO FASCISTA, NEOFASCISTA, OU NENHUM DOS DOIS?

Conforme o que foi tratado anteriormente, temos a hipótese de que o governo Bolsonaro tem elementos do fascismo histórico, mas tem aspectos novos, que dizem respeito ao tempo presente.

Boito (2020) acredita que o governo Bolsonaro tem sim características do fascismo clássico como: exaltação da coletividade nacional, perseguição às instituições democráticas e de pesquisa, militarismo, ataque à liberdade sexual e eleição de um inimigo interno comum. No entanto, em relação a algumas características clássicas do fascismo, tais como expansionismo e nacionalização econômica, o autor afirma que não estão presentes no governo Bolsonaro porque, na contemporaneidade, o fascismo teria um invólucro neoliberal, que proporciona não o nacionalismo econômico, mas sim uma economia não ativa, subalterna aos interesses internacionais.

Boito (2020) ressalta também que o processo histórico causa modificações. Ou seja, o capitalismo que existe hoje não é o mesmo dos primórdios da Revolução Industrial Inglesa, apesar de manter algumas daquelas características. Desta forma, o fascismo clássico italiano não é o mesmo do atual, mas mantém algumas características em comum, podendo, portanto, ser classificado como fascismo.

Caldeira (2020) ressalta alguns elementos em comum com o movimento bolsonarista e o fascismo clássico, ao exaltar teorias da conspiração como anticomunismo e “marxismo cultural”. Sob esse ponto de vista, o discurso de Jair Bolsonaro faz jus ao ideal de extrema direita, que se relaciona ao neofascismo, ao mesmo tempo em se relaciona com o neoliberalismo, tais como a defesa das privatizações de órgãos públicos.

Outro ponto levantado por Boito (2020) é o negacionismo - negação de aspectos factuais e da ciência - como ocorreu durante o governo Jair Bolsonaro no período da pandemia, quando houve um forte negacionismo por parte do Executivo Federal. O autor também aponta que Bolsonaro propôs um programa econômico ultraliberal, com mais privatizações, globalização dependente, economia de mercado e um completo alinhamento aos ideais imperialistas norte-americanos. Esses aspectos garantiram o apoio do capital na corrida presidencial de 2018.

Outra característica fascista do governo Bolsonaro, de acordo com Melo (2020, p. 28), é o anti-intelectualismo e o apelo a teorias da conspiração, tão presentes nos fascismos históricos como no contexto atual. Ambos são traços evidentes do governo Bolsonaro e são esses elementos que justificam movimentos de ataque a profissionais da educação, escolas, universidades e instituições científicas, como é o caso de iniciativas como o já citado movimento Escola Sem Partido, central na mobilização da “guerra cultural” daquele governo. No fascismo, nenhuma opinião do líder fascista pode ser invalidada pela ciência ou pela apuração profissional da imprensa tradicional. Sendo assim, as instituições ligadas à ciência e a própria verdade são desqualificadas. Nesse sentido, o ataque a essas instituições tem o firme propósito de reforçar a noção de que esses espaços são dominados pelo tal “marxismo cultural”.

Outro aspecto relevante, segundo Caldeira (2020), em relação ao governo Bolsonaro foi seu vínculo com as forças armadas. Em seu governo, foram nomeados mais militares no Executivo Federal do que até mesmo na própria ditadura militar. Grande parte dos investimentos públicos foram destinados a este segmento. Isso é

reforçado pela perspectiva olavista [do intelectual da extrema-direita Olavo de Carvalho], que Caldeira (2020) chama de "função mística do revisionismo histórico". Este escritor fazia alusão à memória de um dos maiores torturadores da história brasileira, Brilhante Ustra, botando em prática uma visão ideológica e violenta.

Assim, através dos dados elencados é válido dizer que o governo Bolsonaro tem fortes traços e características fascistas e as não fascistas que se modificaram com o passar do tempo têm ligação direta ao neofascismo moderno.

5. CONCLUSÃO

A partir dos dados levantados no trabalho, serão elencadas algumas características que são comuns ao governo Bolsonaro e ao fascismo clássico e outros aspectos que não estão presentes no fascismo italiano, mas que se aproximam do neofascismo.

- 1) *O fascismo surge a partir de crises do capitalismo.* A exemplo disso, temos a crise financeira de 2015, onde os setores mais atingidos foram os de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-29,2%), veículos automotores, reboques e carrocerias (-24,6%), produtos têxteis (-13,7%), máquinas e equipamentos (13,6), produtos farmoquímicos e farmacêuticos (-13,3%), móveis (-13,2%) produtos de metal (-11,2%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-11,0%) e confecção de artigos do vestuário e acessórios (-10,1%). Em 2018, Bolsonaro é eleito.
- 2) *O fascismo apresenta forte oposição ao socialismo e ao comunismo.* Aspectos como a teoria da conspiração do "marxismo cultural", difundida no Brasil por Olavo de Carvalho, e a identificação eleição dos comunistas como inimigos internos comprovam essa característica.
- 3) *O fascismo histórico perseguia instituições democráticas, científicas e atacava minorias:* embora não tenhamos aprofundado no trabalho, durante o governo Bolsonaro houve perseguição a instituições da ordem democrática, como ao Supremo Tribunal Federal (STF), universidades públicas e a grupos oprimidos, como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexuais, Assexuais e Pansexuais (LGBTQIAP+).

- 4) *O fascismo italiano defendia uma estrutura familiar conservadora e as instituições religiosas também conservadoras*: o governo Bolsonaro se utilizou dos mesmos recursos para reunir uma base eleitoral, que aderiu ao seu governo justamente por conta dessas pautas morais conservadoras. [O lema de sua campanha e que foi usada durante o governo foi “Deus, pátria família” e “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”].

No entanto, o governo Bolsonaro trouxe aspectos distintos do fascismo histórico. Boito (2020) estabelece certa aproximação do fascismo com uma nova configuração do capitalismo, o neoliberalismo. Assim, privatizações, “entreguismo” do patrimônio público aos países imperialistas, como a empresa pública Eletrobrás, e falta de interesse expansionista, são alguns dos aspectos que confirmam a hipótese da pesquisa. O governo Bolsonaro assumiu uma nova configuração de fascismo que traz aspectos do passado, mas que são atualizados no tempo presente.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política-UnB**, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2004.

BOITO, Armando. Neofascismo e neoliberalismo no Brasil do Governo Bolsonaro. São Paulo: *Revista Observatorio Latinoamericano y Caribeño*, 4.2 (2020).

CALDEIRA, Odilon Neto. Neofascismo, “Nova República” e ascensão das direitas no Brasil. *Revista Conhecer: debate entre o público e o privado*, v. 10, nº 24, 2020.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCCI, Federico. Crise do Capitalismo Liberal. In: SZNAJDER, Mario. **Tempos de fascismos**: ideologia, intolerância e imaginário. São Paulo: EDUSP, 2010.

DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2019.

DE MARIE OLIVEIRA, Dayse; CRUZ, Maria Helena Simão. Sobre a psicologia de massas do fascismo de W. Reich. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 1, n. 1, p. 70-76, 2009.

DICIO, dicionário online de língua portuguesa, 2023. fascismo. <https://www.dicio.com.br>. acessado em 17/10/23.

GRIFFIN, Roger. *The nature of fascism*. Routledge, 2013. apud: MELO, Demian. Bolsonarismo como fascismo no século XXI. In: REBUÁ, Eduardo; COSTA, Reginaldo; GOMES, Rodrigo Lima. R. CHABALGOITY, Diego. (orgs.)

(Neo)fascismos e Educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

LOWY, Michael. Neofascismo: um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro. In: <http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2019/outubro/19.10-Neofascismo-eBolsonaro.pdf>. Acessado em 14/08/2023.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Governo Bolsonaro:** Neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. São Paulo: Editora Usina, 2020.

MELO, Demian. Bolsonarismo como fascismo no século XXI. In: REBUÁ, Eduardo; COSTA, Reginaldo; GOMES, Rodrigo Lima. R. CHABALGOITY, Diego. (orgs.) **(Neo)fascismos e Educação:** reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

NAPOLITANO, Marcos. **1964:** história do regime militar brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PAXTON, Robert O. **A Anatomia do Fascismo.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SOUZA, Eduardo; FREITAS, Angela. O fascismo através da óptica psicológica: uma revisão bibliográfica da estrutura. **Revista Diaphora**, v. 10, n. 2, p. 66-74, 2021.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** A política do nós e eles. Porto Alegre: LPM Editores, 2018.

SZNAJDER, Mario. Fascismo e intolerância. In: SZNAJDER, Mario. **Tempos de Fascismo:** Ideologia, Intolerância e Imaginário. São Paulo: Edusp, Arquivo Público e Imprensa Oficial, 2010.

WILHELM, Reich. **Psicologia de Massas do Fascismo.** Tradução: Maria da Graça M. Macedo. 3a. ed. São Paulo: Martins Fontes.1982.